

## ELEIÇÃO / Pré-candidatos da terceira via e integrantes do Judiciário comentam o momento político do país em conferência internacional. Enquanto políticos atacam Lula e Bolsonaro, ministros destacam ação institucional

Reprodução/Video



**Não há como ter uma política liberal econômica sem ter uma política social, que representa o investimento do Estado, a obrigação do Estado de estar ao lado dos mais pobres e reduzir as diferenças sociais"**

**João Dória (PSDB),**  
ex-governador de São Paulo

Minervino Junior/CB/D.A Press - 12/2/20



**Não é possível continuarmos com esta polarização ideológica, é preciso pacificar a política brasileira para termos estabilidade econômica, segurança jurídica e voltarmos a crescer"**

**Simone Tebet (MDB-MS),**  
senadora e pré-candidata ao Planalto

Reprodução/Twitter



**O meu objetivo é superar a miséria e a desigualdade, esse objetivo é honesto, tem que entender o Brasil como ele é. Um país negro e feminino"**

**Ciro Gomes,**  
pré-candidato pelo PDT

Crédito:Nelson Jr/Sco/STF



**A pandemia revelou as fraquezas e as virtudes das formas de governança. O Judiciário foi decisivo para atuar no combate à pandemia, retirando o governo federal da inércia, da paralisia"**

**Ricardo Lewandowski,**  
ministro do STF

# Promessas, críticas e apelos

» SARAH PAES  
ESPECIAL PARA O CORREIO

Entre painéis temáticos e sabatinas, o evento Brazil Conference, que ocorreu durante o final de semana nos Estados Unidos, tornou-se palco de discussão de propostas de pré-candidatos à presidência da República. De maneira presencial ou por videoconferência, Sergio Moro (União Brasil), João Dória (PSDB), Simone Tebet (MDB), João Dória (PSDB) e Eduardo Leite (PSDB) defenderam propostas para a educação, segurança pública, segurança ambiental, enfrentamento à pobreza e a fome no Brasil.

O evento também contou com a participação de ministros do Superior Tribunal Federal (STF). Cármen Lúcia, Luís Roberto Barroso e Ricardo Lewandowski expuseram suas reflexões.

Pré-candidato que está mais próximo de Lula e Bolsonaro nas pesquisas de intenção de voto, João Dória (PDT) fez duras ao ex-presidente enquanto respondia questões relacionadas à indústria brasileira, à economia e à educação. Disse que é preciso furar o bloqueio da dualidade política do Brasil. "O meu objetivo é superar a miséria e a desigualdade, esse objetivo é honesto, tem que entender o Brasil como ele é. Um país negro e feminino", afirmou.

O pré-candidato do PDT que disse que só vai escolher o vice em julho. E criticou a declaração de Lula a favor do aborto. "Por que o Lula tinha que dar uma declaração estapafúrdia como a que ele deu agora, de que todo mundo tem direito a fazer aborto? Que coisa mais simplória para um assunto tão grave. (...) Qual o poder que Lula tem, sendo presidente por 14 anos, ou mandando na Presidência do Brasil, que não resolveu essa questão? Porque ela é insolúvel", declarou João Dória.

Pré-candidata da união da terceira via, a senadora Simone Tebet (MDB), disse estar preparada para liderar o país. "Não é possível continuarmos com esta polarização ideológica, é preciso pacificar a política brasileira para termos estabilidade econômica, segurança jurídica e voltarmos a crescer. Gerar emprego, renda e tirar definitivamente o Brasil do mapa da fome, da miséria e da desigualdade social", comentou.

Pré-candidato pelo PSDB, João Dória citou feitos realizados durante sua gestão no governo de São Paulo. Pregou o consenso entre as siglas que articulam uma candidatura única e criticou o atual governo. "O que já era ruim ficou pior diante da incapacidade do governo", disse. Indicou que, apesar de buscar o consenso entre as legendas do centro, não deve

Carlos Moura/ SCO/STF



**Barroso falou sobre seus anseios: "Precisamos, no Brasil, restabelecer o poder da verdade"**

abrir mão de ser o candidato escolhido pelo grupo.

Também convidado para a conferência, o ex-governador do Rio Grande do Sul Eduardo Leite (PSDB) participou de um painel, mas não foi sabatinado. Questionado sobre sua

candidatura afirmou, "tô na pista para negócio!".

### Verdade e Justiça

O ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Luís Roberto Barroso deixou claro o papel que

representa. "Sou um ator institucional e não político, então o meu papel é cuidar em defender as instituições, a democracia", disse. Em uma crítica às fake news, ressaltou a necessidade de defender a verdade.

"Nós precisamos, no Brasil, restabelecer o poder da verdade.

Da verdade possível e plural dentro de uma sociedade aberta. Mas precisamos enfrentar esse mundo da desinformação, da mentira deliberada e das teorias conspiratórias", disse.

O ministro dividiu sua fala em três partes: a busca da verdade possível neste mundo da desinformação, a democracia e a pressão que ela tem sofrido do populismo autoritário e uma agenda para o Brasil. "O que faz um país é um conjunto de ideias e de valores que nos unem e que nos fazem trabalhar conjuntamente para realizá-los. A minha agenda para o Brasil passa por três eixos: integridade, enfrentamento a pobreza extrema e as desigualdades injustas e desenvolvimento sustentável", afirmou.

Ricardo Lewandowski, também ministro do STF, destacou o papel da Corte durante a pandemia e a necessidade de intervenções do Judiciário em tomar medidas eficazes para o combate ao coronavírus. "No Brasil, o governo federal, que é responsável pela coordenação do Sistema Único de Saúde (SUS), relutou em tomar providências efetivas contra a doença", disse o magistrado.

"A pandemia revelou, dentre outras coisas, as fraquezas e as virtudes das distintas formas de governança. Dentro desta linha, a meu ver, o Judiciário foi decisivo para atuar no combate a pandemia retirando o governo federal da inércia, da paralisia", comentou.

## Ainda não é hora de falar em voto útil

» CRISTIANE NOBERTO  
» VICTOR CORREIA

Com o cenário eleitoral polarizado, partidos começam a avaliar os efeitos de um comportamento do eleitorado: o voto útil. O senador Marcos Rogério (PL-RO) acredita que as dificuldades da terceira via apontam para essa tendência. "Mais para frente, esse movimento vai acabar acontecendo, quando as pessoas observarem que nenhum daqueles nomes, que se dizem terceira via, se viabilizam", considera.

O parlamentar aposta, inclusive, na aproximação de integrantes da terceira via com o presidente Bolsonaro. "Daqui a pouco, a própria terceira via pode fazer um movimento de ajustamento para tentar ganhar consistência, ganhar expressão", frisa.

O senador Luiz Carlos Heinze (PP-RS) faz leitura semelhante. E cita como exemplo o PSDB, onde haveria um percentual de eleitores que eventualmente migrariam para a candidatura de Bolsonaro. "É difícil a pesquisa mostrar, mas há muita resistência antipetista. Os 10% da terceira via serão decisivos", apontou.

O senador Fabiano Contarato (PT-ES), por sua vez, acredita que o eleitor ainda votará por convicção. "O eleitor vai saber comparar duas gestões: uma exitosa, uma gestão que teve um olhar além da saúde fiscal, teve uma saúde social. Que soube aliar responsabilidade fiscal com social, e outra que não teve", comparou.

O atual governo, infelizmente não sabe viver numa democracia e violou principalmente o direito à vida humana. Em todos os aspectos, porque, quando ele tira verba da área da saúde ele está matando a população. Então, eu não vejo isso (do voto útil)", afirmou.

O senador Cid Gomes (PDT-CE) acredita que, no primeiro turno, o voto será de identificação. "A meu juízo, a única possibilidade do voto útil ser utilizado, num primeiro momento, seria se um dos dois candidatos tivesse real chance de vencer no primeiro. Nenhum dos dois (Lula ou Bolsonaro) estão totalmente consolidados. Bolsonaro confia na força da fisiologia do Centrão, e Lula é o candidato mais popular. Mas os laços com as pessoas ainda é frágil", afirma.

Analistas são cautelosos em relação aos movimentos do

Pedro França/Agência Senado



**Senador Marcos Rogério (PL-RO): votos irão para Bolsonaro**

voto útil. Mas já adiantam algumas observações. Para Paulo Kramer, a terceira via conta com o voto útil para se viabilizar. Porém, a falta de uma candidatura forte dificulta a conquista do eleitorado. "O que você vê nas pesquisas é que o Bolsonaro está tirando votos da terceira via, e não o contrário, como eles esperavam", comenta.

O cientista político André

Rosa ainda acredita que esse comportamento do eleitorado pode influir no pleito. "[O voto útil] costuma ser um fator forte, pode decidir uma eleição com certeza. Bolsonaro herdou muito o voto útil em 2018, com eleitores que votariam no Alckmin. Mas está difícil falar sobre isso agora", comenta.

Para ele, o voto útil se torna um fator concreto a partir do

Crédito:Pedro França/Senado



**Senador Fabiano Contarato (PT-ES): eleitor tem convicção**

momento que um candidato alternativo tem chances reais de vitória. E ele cita o exemplo de Bolsonaro em 2018, quando ele capitalizou se apresentou como uma opção ao PT, ao PSDB e a outros partidos.

"O voto antipetista foi para o Bolsonaro para tentar fazer ele ser eleito no primeiro turno. Mas no momento atual, o eleitor vai votar em

quem? O eleitor não vai despendicar o voto dele assim", afirma André.

O cientista político aposta em uma perspectiva mais clara sobre o voto útil em junho ou julho, quando estiver consolidada a candidatura única da terceira via. Ele alerta, porém, que um grande número de fatores afeta as eleições e que é difícil fazer estimativas.